



# REVISTA GUAIRACÁ DE FILOSOFIA

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOVIDADE DA FILOSOFIA DE MICHEL DE MONTAIGNE

DIEGO DOS ANJOS AZIZI<sup>1</sup>

**Resumo:** breve artigo pretende analisar alguns aspectos da filosofia do ensaio de Michel de Montaigne que, através de suas reflexões filosóficas, descobre não apenas uma outra forma de conceber o exercício filosófico, mas também descobre uma nova realidade que vai se configurando na medida em que vai sendo investigada: a realidade do eu, do sujeito. Explicitamos, então, os conceitos de ensaio e de “pintura de si”, tão caros a Montaigne e que produzirão mudanças fundamentais no pensamento filosófico moderno, que culminará em seu pressuposto mais básico: a noção mesma de subjetividade.

**Palavras-Chave:** Montaigne, Subjetividade, Ensaio.

### **Considerations about the Novelty of Michel Montaigne’s Philosophy**

**Abstract:** This brief article analyzes some aspects of the Montaigne’s philosophy of essay that, through his philosophical reflections, discovers not just another way of conceiving the philosophical exercise, but also discovers a new reality that will be setting in that it will be investigated: the reality of the self, of the subject. We made explicit, then, the concepts of essay and “painting of himself”, so important

---

1. Professor de filosofia da Faculdade Mundial e da FECAP. Mestre em Filosofia pela PUC-SP. E-mail: diegoazizi@gmail.com

to Montaigne and that will produce fundamental changes on western philosophical thinking that will culminate in the basic assumption of modern philosophy : the very notion of subjectivity.

**Keywords:** Montaigne, Subjectivity, Essays

## INTRODUÇÃO

Michel de Montaigne foi um filósofo. Dizia o oposto sobre si mesmo<sup>2</sup> (III, 9), contudo, a beleza de seus escritos, a profundidade e a novidade de seu pensamento e a influência posterior de sua obra sobre os mais importantes pensadores nos mostram, ou melhor, nos atestam que além de filósofo, foi um dos grandes.

Um bom filósofo não possui a necessidade de apresentar novidades, mas sim necessita conseguir apreender os problemas mais importantes de sua época, com precisão e rigor, a fim de, se não conseguir resolvê-los, tentar ao menos explicitá-los e compreendê-los. Montaigne fez as duas coisas. Pensou os lugares-comuns de sua época, problematizou seu próprio tempo e sua cultura, e fazendo isso, problematizou a própria condição humana. E fez isso de maneira nova, através de uma nova maneira de filosofar. E é nesse sentido que ele afirma não ser filósofo<sup>3</sup>!

Tal como a resposta de Édipo à Esfinge, “é o homem” o principal objeto de investigação do filósofo francês. Refletiu acerca do conhecimento, da fé e da religião, da política e da moral, para buscar em todas essas instâncias os traços daquilo que nos faz ser quem somos. Estudou a si mesmo e buscou na pintura de si mesmo (e não na autobiografia, como costuma-se dizer) a própria natureza humana. Eis o novo modo de se filosofar de Montaigne. Os Ensaaios, cujo tema segundo o filósofo, é a si mesmo, nos mostram diversos Montaignes em diversas situações, de diferentes formas, assumindo o movimento inerente à natureza e à própria vida, tal como o título da bela obra de Jean Starobinski<sup>4</sup>. É ensaiando a si mesmo que se isola na torre de seu castelo, e é no isolamento que se reconcilia consigo mesmo e com o mundo.

Em 28 de fevereiro de 1533 nasce Michel Eyquem de Montaigne, filho de Pierre Eyquem de Montaigne e Antoinette de Louppes. Pierre era um grande admirador do pensamento humanista de sua época, e o jovem Micheau (como seu pai gostava de chamá-lo) foi educado com vistas ao cultivo da vasta cultura que tanto admirava. Sua primeira língua foi o latim, e com ordens expressas de seu

2. Todas as citações feitas dos Ensaaios serão extraídas da tradução de Rosemary Costhek Abílio. Martins Fontes, 2002. A presente citação se encontra no livro III, capítulo 9. A partir de agora, as citações dos Ensaaios serão feitas com o algarismo romano representando o livro e em arábico o capítulo.

3. Explicaremos adiante o porque dele não se considerar um filósofo.

4. Starobinski, J. Montaigne em movimento. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo, Companhia Das Letras, 1992.

pai, só poderiam dirigir-lhe a palavra se essas estivessem no idioma de Cícero. Foi alfabetizado até os seis anos de idade exclusivamente em latim<sup>5</sup>. Montaigne, com isso, distanciava-se de sua própria pátria, de sua cultura contemporânea, mas aproximava-se daqueles que seriam seus companheiros durante toda sua vida: os grandes escritores latinos. Na companhia de Sêneca, Cícero, Plutarco, Virgílio e muitos outros, o jovem Micheau entrava de cabeça no mundo da alta cultura intelectual, da qual nunca saiu. O custo disso foi o estranhamento de si mesmo dentro de sua própria língua (o francês e também o gascão), incompreendida, e por isso empecilho para a comunicação com seus companheiros no colégio de Guienne em Bordeaux, quando ingressou em 1539.

Em 1549, Montaigne estuda direito em Toulouse, muito provavelmente pela pressão de seu pai ao querer uma carreira de magistrado para o jovem Montaigne, seguindo os passos do próprio Pierre.

Montaigne se torna conselheiro do Tribunal das Contribuições em Périgueux, sucedendo o próprio pai e em 1557 torna-se conselheiro no Parlamento de Bordeaux.

Em sua vida política Montaigne presencia a intolerância religiosa e as mais crassas barbáries perpetradas em nome de uma fé que ele próprio duvida existir nos homens que a professam.<sup>6</sup> Em 1559, alguns magistrados do Parlamento condenam a intolerância católica contra os huguenotes e Henrique II os condena à fogueira. Em 1560, o chanceler Michel L'Hopital prega uma política de apaziguamento, para retomar a paz entre católicos e protestantes, e ganha a admiração do filósofo francês. Em 1568, Pierre, seu pai, morre e Micheau torna-se o senhor de Montaigne e herda o castelo de Montaigne. Seu pai, grande admirador da filosofia e do mundo intelectual encomendara a Montaigne uma tradução da *Theologia Naturalis*, do teólogo protestante Raymond Sebond. Termina a tradução em 1569 e publica-a. Vende seu cargo de magistrado em 1570 e se isola na torre de seu castelo, em sua biblioteca, para pintar-se a si mesmo, para ficar na companhia de si mesmo e tentar compreender o homem e suas circunstâncias. Abandona, portanto, o *negotium*, tempo e espaço utilizados para a construção da vida pública e ocupação de assuntos externos e adere ao *otium*, ocupação única e exclusivamente de si, que busca o aprimoramento do intelecto através do estudo. Datam de 1572 suas primeiras linhas ensaísticas e de 1592 suas últimas. Montaigne só parou de se ensaiar ao morrer.

Contudo, nunca abandonou de fato o mundo “externo”, seus afazeres políticos e suas responsabilidades e nem suas reflexões tornando-se, em 1581,

5. Ver Ensaíos. I, 26.

6. Montaigne professa uma evidente preocupação em relação ao puro elemento circunstancial da fé de seus contemporâneos. No livro II, 12, afirma que a maioria das pessoas professa uma fé cristã apenas por terem nascido em um determinado local e época. Se na Índia tivessem nascido, seriam hindus, se em alguma parte do que chamamos hoje de Oriente Médio, professariam a fé através da religião de Maomé.

prefeito de Bordeaux, sendo reeleito em 1583. Em 1592 morre Micheau, depois de uma vida atarefada, intelectualmente substancial e existencialmente frutífera.

A pequena biografia acima, a título de curiosidade, nos serve para situar um pouco Montaigne em sua época, mostrando como foi educado e como conduziu sua vida, antes e depois de seu “isolamento” para a confecção de seus Ensaios.

## OS ENSAIOS COMO DESCOBERTA DE UM MUNDO NOVO

Montaigne é considerado pela história do pensamento humano como o grande criador do gênero literário “Ensaio”, mais precisamente pela forma de filosofar ensaística, pela filosofia do ensaio. Diz acerca de sua própria obra o seguinte:

O julgamento é um instrumento para todos os assuntos, e se imiscui por toda parte. Por causa disso, nos ensaios que faço aqui, emprego nisso toda espécie de oportunidade. Se é um assunto de que nada entendo, por isso mesmo ensaio-o, sondando o vau de bem longe; e depois, achando-o fundo demais para minha estatura, mantenho-me na margem; e esse reconhecimento de não poder passar para o outro lado é uma característica de sua ação, e mesmo das que mais o envaidecem. Por vezes, em um assunto vão e sem valor, procuro ver se ele encontrará com que lhe dar corpo, e com que o apoiar e escorar. Por vezes passeio-o por um assunto nobre e repisado, no qual nada tem a descobrir por si, estando o caminho tão trilhado que ele só pode caminhar sobre as pegadas de outrem. Então atua escolhendo o caminho que lhe parece o melhor e, entre mil veredas, diz que esta, ou aquela, foi a mais bem escolhida. Tomo da fortuna o primeiro argumento. Eles me são igualmente bons. Mas nunca me proponho apresentá-los inteiros. [C] Pois não vejo o todo de coisa alguma; tampouco o vêem os que nos prometem mostrá-lo. De cem membros e rostos que cada coisa tem, tomo um, ora pra somente roçá-lo, ora pra examinar-lhe a superfície; e às vezes para pinçá-lo até o osso. Faço-lhe um furo, não o mais largo porém o mais fundo que sei. E quase sempre gosto de captá-los por algum ângulo inusitado. Arriscar-me-ia a tratar a fundo alguma matéria, se me conhecesse menos. Semeando aqui uma palavra, ali uma outra, retalhos tirados de sua peça, separados, sem intenção e sem compromisso, não estou obrigado a fazê-lo bem nem a limitar a mim mesmo, sem variar quando me aprouver; e render-me à dúvida e incerteza, e à minha forma principal, que é a ignorância. (I, 50)

Montaigne nesse longo trecho conceitualiza a natureza dos Ensaios. Sua escrita, pois, é um exercício de seu juízo acerca do mundo. É um indivíduo que julga o mundo, a partir de si mesmo, para tentar encontrar, nesse movimento, a si próprio. Nesse sentido, o ensaio não é, portanto, apenas um gênero literário, mas uma forma de método *sui generis*.

Isso porque o caráter do ensaio é por si mesmo assistemático e sem método absolutamente determinado. Afinal, como alguém que quer conhecer a si mesmo pela primeira vez pode saber, a priori, qual método seguir, qual caminho traçar, se todos se apresentam a ele? É no exercício de si mesmo que os mais variados temas

se apresentam, sem sistema e sem destino preestabelecido. Seu próprio julgamento é seu objeto, e ensaiar-se permite-lhe compreender o alcance ou a arbitrariedade de suas conclusões (e também de outros). Por isso o ensaio é seu método e não apenas um gênero literário.

Assistemático por natureza, os Ensaaios são uma incessante busca pelo próprio eu, que não sabe nada sobre si e, portanto, não pode saber nada sobre o mundo. Só examinando seus próprios juízos é que o filósofo pode, enfim, chegar a si. Na experiência existencial singular, o mundo é colocado à prova daquele que o julga.

Diz-nos Montaigne que seu livro foi escrito para ele mesmo e alguns amigos e parentes, com propósitos privados. Exibe seus defeitos, seus pensamentos nada louváveis, suas dores e angústias, seus preconceitos. Devemos duvidar dessa pretensão humilde de Montaigne, pois, em última instância, é o homem em sua própria natureza que o filósofo pinta. Sua lição: ensaie-te a ti mesmo, pois apenas assim conhecer-te-á.

Michel Onfray afirma que Montaigne não se ama e por isso desnuda-se nas páginas de seus Ensaaios, durante os vinte anos que duraram sua redação: de 1572 a 1592.

É criticado por ter contado sobre seu sexo pequeno, revelado sua impotência, detalhado suas digestões difíceis, enumerando suas cólicas (...). Certo, mas por que não ver que esses exorcismos supõem uma empreitada singular: aprender a se amar, compor aquilo que a priori parece indigno de ser amado? (Onfray, 2008, pp.191-192)

Afinal, para conhecer-se é preciso saber-se digno de ser amado, e para isso, ele próprio deve reconhecer tal virtude. O conseguir amar-se a si mesmo é reflexo do conhecer-se a si mesmo. O ensaio não é, como poderíamos inferir, uma autobiografia. O ensaio é uma experiência, e como veremos, o sujeito se produz na experiência de si, experimentando a si mesmo. Na história da filosofia essa nova forma de se experimentar, para se conhecer, é inaugurada por Montaigne, em uma época em que o espírito dos grandes tratados ainda estava em voga na filosofia. É nesse sentido que a afirmação de Montaigne em não ser filósofo faz mais sentido. A filosofia de sua época, mesmo estando no espírito do Renascimento dos clássicos originais, segundo ele, não passava de pura vaidade e verborragia. Diz sobre isso Cassirer:

O que se contrapõe aqui à Escolástica não é um novo método de pensamento, mas sim o novo ideal cultural da 'eloquência'. Desse momento em diante, Aristóteles não deve e não pode mais ser visto pura e simplesmente como o mestre do saber, como o representante da 'cultura', pois seus escritos, ao menos na forma como nos têm chegado, não mostram 'o menor traço do bem-falar'. Não é contra o conteúdo dos

escritos de Aristóteles, mas contra seu estilo que se volta a crítica humanista. (...) Os problemas que disso resultaram, porém, foram mais de natureza filológica do que filosófica. Passa-se a discutir zelosamente se o conceito aristotélico de [t'agathón] (o bom) deveria ser reproduzido, tal como ocorrera na tradução de Leonardo Bruni, pela expressão *summum bonum* ou pela expressão *bonnum ipsum*. Humanistas os mais célebres, como Filelfo, Angêlo Poliziano e outros, engajam-se na discussão sobre a forma de grafar o conceito aristotélico de *entelechie* – se *entelechia* ou *endelechia* – e sobre as diferentes possibilidades de interpretação que disso resultam. (Cassirer, 2001, pp.4 - 5)

Montaigne já havia identificado isso com muita clareza quanto à insignificância dessas discussões filosóficas puramente vaidosas. Daí sua alternativa em não considerar-se filósofo: se isso é ser filósofo, então certamente ele não é. Ele nos diz isso explicitamente:

[B]Aristóteles escreveu para ser compreendido; se não o conseguiu, um menos apto, um terceiro, conseguirá menos ainda do que aquele que fala de seu próprio pensamento. Desdobramos a matéria e a expandimos destemperando-a; de um assunto fazemos mil e, multiplicando e subdividindo, racíamos na infinidade dos átomos de Epicuro. (...) O centésimo comentário remete-o a seu seguinte, mais espinhoso e mais escarpado do que o primeiro achara. Quando concordamos entre nós: 'este livro já teve o suficiente, doravante não há mais o que dizer'? (...) Há mais dificuldade em interpretar as interpretações do que em interpretar as coisas, e mais livros sobre os livros do que sobre outro assunto: só o que fazemos é nos glosarmos mutuamente<sup>7</sup>. (...) [C] O principal e mais prestigiado saber de nossos séculos não é saber entender os eruditos? Não é esse o objetivo comum e derradeiro de todos os estudos? [B] A questão é de palavras, e contenta-se com palavras. Uma pedra é um corpo. Mas, quem insistisse: 'E corpo, o que é? - Substância. - E substância, o quê?', e assim sucessivamente, acabaria acuando o interrogado no fim de seu dicionário. Troca-se uma palavra por outra palavra, e frequentemente mais desconhecida. (III, 13)

Essa longa citação corrobora exatamente o que Cassirer afirmava sobre um aspecto da filosofia nessa época: tentar superar a escolástica tentando ser mais obscura que essa. Nesse sentido, reafirmamos com Montaigne: - "Não sou filósofo!" Mas precisamos afinar essa afirmação: - "Não sou filósofo nesses termos", poderia dizer. Como o próprio Montaigne dirá no ensaio intitulado "Apologia de Raymond Sebond", ele é um filósofo de nova figura (II, 12). A isso Onfray adiciona: "A essa quinquilharia conceitual ele opõe a palavra livre, alegre, solta. Ri da aparelhagem pseudo-científica dos medievais. Saltos e cambalhotas mais do que amarrações e formas eruditas". (Onfray, 2008, p. 207)

Montaigne pode ser enquadrado em uma tradição que frequentemente é chamada de "humanista". Com esse termo, em sua época, não somos capazes de designar um movimento homogêneo e coerente de pensamento. Desde que

7. Não há como não sentir um certo desconforto em glosar Montaigne e tentar interpretá-lo, indo na direção do que ele próprio acusa.

Jacob Burckhardt publicou seu magistral estudo sobre o Renascimento em 1860<sup>8</sup>, o conceito de “humanismo” se popularizou entre os historiadores, contudo, há uma pluralidade de significados referentes ao conceito. Dessa forma, o que existe são diversos “humanismos”. Segundo Burke:

Alguns usam o termo num sentido vago para referir-se à preocupação com a dignidade do homem, opondo um Renascimento antropocêntrico – às vezes demasiado simples – a uma idade média teocêntrica. Outros historiadores preferem empregar o termo ‘humanista’ da maneira como se utilizam ‘umanista’ nas universidades italianas por volta de 1500. Nesse sentido, um humanista era mestre profissional das ‘humanidades’ (studia humanitatis), ou seja, de história, ética, poesia e retórica. (Burke, 2006, p.17)

Montaigne só é humanista na medida em que é apenas com o homem e sua condição que se preocupa. A frase que talhou em uma das vigas de sua biblioteca, do comediógrafo Terêncio, pode servir como explicação para o seu humanismo no sentido mais amplo: “Sou homem, e nada humano julgo ser-me alheio” (*Homo sum, humani a me nihil alienum puto*).

Não discute, não debate, não escreve sobre outro tema (como o sumo bem, sobre a virtude, sobre a religião) senão sobre ele próprio. Usa os temas apenas para ensaiar-se. Se é a partir de si mesmo que julga, através de sua própria experiência, através de seu próprio ser no mundo, todo o tema que for abordado nos ensaios só serve para nos informar não sobre eles mesmos, mas sim sobre Montaigne. Isso sugere que, em última instância, Montaigne sempre está certo. Afinal, não está falando sobre diversos temas, mas sim está falando, a partir de si, o que pensa sobre os temas. O que ele, Montaigne, ajuíza sobre o mundo é aquilo que pertence única e exclusivamente a ele. Se fala sobre a mentira, por exemplo, não é para construir um conceito sobre a mentira, para discuti-la, enfim, para compreendê-la. O faz, assim como todos os outros temas, para saber sobre si. Para mostrar a si mesmo.

Luiz Eva escreve que: “Sem dúvida, a novidade deve forçosamente se dizer “nova” em face de algum panorama da ‘tradição’ (continuamente mobilizada nos Ensaaios, por inúmeras alusões, especialmente aos ‘antigos’, mas também aos filósofos tal como os encontra existentes)”. (Eva, 2007, p.25)

Essa nova forma de se experimentar inaugura uma nova forma de filosofar, e essa nova forma desvela um mundo inteiramente novo.

Existem algumas objeções em relação a essa novidade, por exemplo, quando dizem que Agostinho, em suas Confissões, já havia aberto o caminho para buscar a interioridade e encontrar-se a si mesmo, deixando tudo o que não lhe pertence de fora da reflexão, apenas se atentando para o que é unicamente seu. Contudo, como

8. Burckhardt, J. A cultura do Renascimento. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo, Companhia de Bolso, 2009. Principalmente as partes III e IV de seu estudo.

o próprio nome do livro diz, o que Agostinho faz é uma confissão: daí que o diálogo que trava não é consigo mesmo, mas com deus.

E como invocarei o meu Deus, ó meu Deus e meu Senhor? Pois, ao invocá-lo, eu o chamarei para dentro de mim. Que lugar haverá em mim, onde o meu Deus possa vir? Onde virá o Deus em mim, o Deus 'que fez o céu e a terra'? Há, então, Senhor meu Deus, algo em mim que te possa conter? E o céu e a terra, que fizeste e nos quais me fizeste, são eles capazes de te conter? (Agostinho, 2002, p. 20)

Fica, portanto, evidente que Agostinho não exerce o mesmo tipo de reflexão que Montaigne; não opera do mesmo modo e nem possui o mesmo objetivo. Agostinho constrói toda a sua auto-análise sobre um princípio básico do qual Montaigne prescinde: o olhar divino. Agostinho assiste retrospectivamente ao espetáculo de sua própria existência guiado pela mão de deus, com quem conversa e a quem se confessa. É deus, em última instância quem julga, é ele quem é capaz de determinar o valor de suas ações e sua posição dentro da unidade de sentido de sua existência. Agostinho só encontra a si mesmo na medida em que encontra dentro de si deus. Pelo contrário, Montaigne busca a partir de si e de suas próprias experiências no mundo (e dos juízos que faz a partir delas) a si mesmo. Não se reporta a ninguém, nem homem nem deus. É por isso que o que faz é ensaiar-se e não confessar-se. Seu fim não é externo a si próprio, não visa nada transcendente à sua própria corporalidade e consciência.

O próprio caráter de sua reflexão é corporal, como sugere Auerbach: "*Mas Montaigne, que está sozinho consigo mesmo, encontra no seu pensamento bastante vida e, por assim dizer, calor corpóreo suficiente para escrever como se estivesse falando*". (Auerbach, 2011, p.254) Nenhum comentador de Montaigne, exceto o menos lido, o menos considerado e o menos comentado prestou muita atenção a esse fato absolutamente revelador: Auerbach teve um estranhamento ao ler Montaigne, afirma que este escreve como se estivesse falando. Michel Onfray afirma isso com certeza!

Além do mais, espanta-me nunca ter lido que Montaigne não escreveu os Ensaios. Em nenhum lugar lê-se essa informação, menos ainda, portanto, sua análise. No entanto, o filósofo esclarece em quatro oportunidades, no texto, que ele não está escrevendo, mas ditando. Ele fala, fala andando em sua torre, fala a um terceiro que anota. Terceiro ausente, do qual ignoramos tudo. Um criado, um amigo? Não se sabe...Mas por quatro vezes pode-se constatar: Montaigne até diz que um desses escribas indelicado partiu certo dia levando embaixo do braço um maço de folhas ditadas e nunca mais voltou... Talvez haja em algum lugar capítulos desconhecidos do manuscrito príncipes! (Onfray, 2008, p.204)

Mais um exemplo de que os Ensaios são, de fato, o produto de um corpo que fala, que supõe a voz, que supõe a escuta, que nem em sua dimensão mais espiritual (a reflexão, o pensamento) abandona o caráter corpóreo, físico, mundano.

No começo do capítulo 2 do livro III, Montaigne escreve em uma longa passagem o que faz exatamente, e explica aos supostos críticos suas aparentes contradições, seus cambaleios, sua aparente superficialidade.

[B] Os outros formam o homem; eu o descrevo, e reproduzo um homem particular muito mal formado e o qual, se eu tivesse de moldar novamente, em verdade faria muito diferente do que é. Mas agora está feito. Ora, os traços de minha pintura não se extraviam, embora mudem e diversifiquem-se. **O mundo não é mais do que um perene movimento.** Nele todas as coisas se movem sem cessar: a terra, os rochedos do Cáucaso, as pirâmides do Egito, e tanto com o movimento geral como com o seu particular. A própria constância não é outra coisa senão um movimento mais lânguido. **Não consigo fixar meu objeto.** Ele vai confuso e cambaleante, com uma embriaguez natural. Tomo-o nesse ponto, como ele é no instante em que dele me ocupo. **Não retrato o ser. Retrato a passagem; não a passagem de uma idade para a outra ou, como diz o povo, de sete em sete anos, mas de dia para dia, de minuto para minuto.** É preciso ajustar minha história ao momento. Daqui a pouco poderei mudar, não apenas de fortuna mas também de intenção. Esté é um registro de acontecimentos diversos e mutáveis e de pensamentos indecisos e, se calhar, opostos: ou porque eu seja um outro eu, ou porque capte os objetos por outras circunstâncias e considerações. **Seja como for, talvez me contradiga; mas, como dizia Dêmades, não contradigo a verdade. Se minha alma pudesse firmar-se, eu não me ensaiaria: decidir-me-ia; ela está sempre em aprendizagem e em prova.** Exponho uma vida vulgar e sem brilho; isso não importa. Ligamos toda a filosofia moral tão bem a uma vida comum e privada quanto a uma vida de mais rico estofo: **cada homem porta em si a forma integral da condição humana.** [C] Os autores comunicam-se ao povo por alguma marca particular e externa; eu, **o primeiro**, por meu ser universal, como Michel de Montaigne, não como gramático ou poeta ou juriconsulto. Se o mundo se queixar de que falo demais de mim, queixo-me de que ele nem sequer pense em si.<sup>9</sup>

Montaigne fala muito sério, e enfatiza que, por mais contraditório que possa parecer ao longo dos Ensaaios, por mais cambaleante que possam ser suas análises, não poderia fazê-la de outra forma. Não faz ontologia, não pretende falar sobre o ser e seus atributos. Só fala daquilo que ele pode alcançar, daquilo que pode experimentar, portanto, só pode falar do câmbio, da contingência, da mudança. É isso o que está sob seu alcance. Mas não há nada mais perto de sua reflexão do que ele mesmo, que por fazer parte desse mundo, só pode ser também passagem, mudança. Em uma linguagem kantiana, Montaigne afirma não ter absolutamente nenhum contato com as coisas em si, apenas com os fenômenos, apenas pode falar daquilo que é temporal e espacial, ou seja, daquilo que está submetido à mudança. Das coisas em si, não fala. Mas uma coisa é certa, ele pode se contradizer, mas nunca contradiz a verdade. A única verdade é que as coisas nunca são as mesmas, nem o mundo e nem ele mesmo (que também é mundo).

9. Os negritos são nossos.

Deve descrever o objeto a partir do maior número de experiências, da forma como ele foi visto em cada caso, e pode desta forma ter a esperança de poder determinar o âmbito das possíveis modificações, obtendo, assim, finalmente, uma imagem do conjunto. Este é um método rigoroso, que pode ser considerado científico até no sentido moderno do termo, e é justamente este que Montaigne procura seguir. (Auerbach, 2011, p. 255)

Os Ensaaios, portanto, podem ser considerados como um método rigorosamente experimental, pois é o único que pode se adequar a tal objeto (ele mesmo).

A partir das considerações acima, conseguimos então identificar ao que se destina, em última instância, a tarefa de buscar, cuidar e conhecer a si mesmo. É da condição humana que Montaigne fala, quando busca a si em si mesmo. Se cada homem oferece motivo e matéria suficiente para a representação de toda a filosofia moral, então a exata e sincera auto-investigação de qualquer homem justifica-se por si só; é até possível dar um passo além: ela é necessária, pois é o único caminho que, segundo Montaigne, pode ser percorrido pela ciência do homem enquanto ser moral. Se cada homem porta em si a forma integral da condição humana, estudar a si mesmo é estudar essa forma da condição humana integral. Tal método de Montaigne não pode ser aplicado com rigor e exatidão em outra pessoa. A filosofia moral de sua época costumava investigar um grande número de seres humanos segundo um plano determinado, à procura, por exemplo, da posse ou falta de determinadas qualidades, ou para verificar o seu comportamento em determinadas situações. Tudo isso parece vago e fútil para Montaigne; não passam de abstrações vagas e vazias.

Ele não reconhece o homem, isto é, a si mesmo, neles, pois disfarçam-no, simplificam-no e sistematizam-no de tal forma que a sua realidade se perde. Montaigne limita-se à exata pesquisa e descrição de um só exemplar, ele mesmo, e também durante esta pesquisa está muito longe de isolar o objeto de alguma forma, de desligá-lo das circunstâncias e condições acidentais nas quais se encontra num momento particular, para assim talvez obter o seu ser propriamente dito, durável e absoluto; uma tal tentativa de atingir a essência isolando-as das contingências acidentais momentâneas parecer-lhe-ia absurda pois, na sua opinião, a essência se perde imediatamente logo que é desligada da causalidade respectiva. (Auerbach, p. 262)

Dessa forma, Montaigne afirma que através dos Ensaaios, tornou-se o homem mais sábio de todos. Isso porque ele é extremamente próximo e familiar do objeto de sua investigação, porque penetrou-lhe tão profundamente em cada detalhe (por mais excêntrico, condenável ou baixo que seja), que nunca, homem nenhum, conheceu tão profundamente aquilo que buscava conhecer.

[B]...nunca homem nenhum tratou assunto que compreendesse ou conhecesse melhor do que trato este que empreendi, e nesse sou o homem mais sábio que vive;

em segundo lugar, que nunca alguém [C] se aprofundou tanto em sua matéria nem esmiuçou-lhe mais detalhadamente as partes e decorrências; e [B] nem chegou mais exata e plenamente ao fim que se propusera em sua tarefa. Para cumpri-la preciso juntar-lhe apenas fidelidade; ela aqui está, a mais sincera e pura que se pode encontrar. (III, 2)

Para Montaigne, não há nem no mundo da arte nem da ciência, nenhum caso em que o conhecimento completo e verdadeiro de seu objeto tenha sido atingido. Das coisas do mundo, existem infinitas opiniões de especialistas; nenhum pode, sinceramente, trazer para si a verdade última de seu objeto. Montaigne pode, na medida em que o único objeto de seus Ensaios é ele mesmo; ninguém pode atingir o grau de conhecimento que ele tem sobre si mesmo.

Os Ensaios, portanto, são um exercício de busca de si mesmo. Seu texto é o produto de seu sucesso. Existe uma unidade absoluta, portanto, entre obra e autor, caso que não existe nas obras dos especialistas, que demonstram conhecimentos específicos que apenas frouxamente são ligados à suas pessoas. “[C] Não fiz meu livro mais do que meu livro me fez, livro consubstancial a seu autor, com uma ocupação própria, parte de minha vida; não como uma ocupação e uma finalidade terceiras e alheias, como todos os outros livros”.(III, 13)

Eis, portanto a necessidade do ensaio. Com vistas apenas a si próprio, deixando tudo o que é alheio de fora da investigação, Montaigne inaugura essa nova filosofia, necessária porque acompanha o próprio movimento da vida, claro que de um homem singular, mas que através dele pode mostrar a forma integral da humana condição. É com vistas ao bem viver, ou seja, à construção moral do homem, que Montaigne reflete e investiga a si mesmo. Antes de Nietzsche e sua filosofia da vida, Montaigne já havia colocado que a própria vida e seu valor é o critério último de moralidade.

Por isso, por mais que sirva-se de exemplos externos em seus Ensaios, por mais que explicita suas ideias com personagens, histórias, antigas ou contemporâneas, Montaigne escreve que não existe exemplo, por mais virtuoso que seja, que sirva como guia para vivermos a boa vida.

[B] Portanto, qualquer que seja o fruto que podemos ter da experiência, a que obtivermos dos exemplos externos dificilmente servirá para ensaiar-nos muito se não fizermos bom proveito da que temos sobre nós mesmos, que nos é mais familiar e por certo suficiente para instruir-nos sobre o que nos é preciso. Estudo a mim mais do que a outro assunto. Essa é a minha metafísica, essa é a minha física. (III, 13)

Montaigne nasce na primeira metade do século XVI, ou seja, exatamente no mesmo período em que os grandes navegadores estão descobrindo a existência de mundos novos. Nessa época de grandes viagens e grandes descobertas, o mundo

conhecido parecia se apequenar. Colombo, Magalhães, Elcano (dentre outros) mostraram ao homem europeu que seu mundo inteiro não passava de uma parte minúscula do verdadeiro mundo, que seus costumes eram apenas mais um dentre tantos e que todo o horizonte de certezas que comungavam poderiam ser facilmente abalados. O mundo novo assombrou o homem europeu.

Analogamente, Montaigne fez o mesmo. Não em relação a novos mundos externos, mas em relação ao ainda inexplorado mundo interno. A curiosidade (e não só a necessidade de encontrar novas rotas comerciais) guiou os homens a adentrarem os oceanos em busca do desconhecido. Essa curiosidade levava a pensar que para além daquele espaço conhecido havia um desconhecido que deveria ser desvelado.

Montaigne descobre e se aventura, como os navegantes, mas em novo espaço interior. A era das grandes descobertas descobriu também aquilo que chamaríamos de subjetividade.

É uma atitude muito parecida a que, nessa mesma época, faz surgir o sujeito moderno: um sujeito que se concebe a si mesmo para além de sua comunidade religiosa, familiar ou política, convencido de que, longe desses terrenos ancestrais herdados, ficam abertos os espaços a conquistar na interioridade, na solidão, no íntimo. Até então, e desde muitos séculos atrás, o homem havia vivido a todo momento no seio de uma comunidade onipresente. Estar sozinho, durante a idade média, era sintoma de loucura ou inumanidade: aquele que atravessava sozinho os percursos urbanos estava exposto ao ultraje, ao roubo, ao assassinato. Não era ninguém, pois não estava com ninguém, porque não pertencia a nenhum grupo que dotasse de sentido sua existência. Considerava-se um ato de piedade cristã integrá-lo em uma coletividade, assumi-lo como um elemento integrado dentro de um conjunto já estabelecido, como um cachorro abandonado que é adotado no seio de uma família. Na vida corrente não havia espaço para a interioridade, para a intimidade: as refeições eram feitas em comum compartilhando os pratos, dormia-se em grupo, a leitura era feita em voz alta com os outros. Os nobres eram cavaleiros armados juntos com outros membros de seu clã: velavam suas armas em comum, tinham sua própria honra encadeada com a honra do grupo ao qual pertenciam. Nem na vida privada nem na pública, nem nos grandes momentos (nem nos transcendentais) sobrava espaço para a solidão, coisa apenas de eremitas e insensatos<sup>10</sup>. Entre os séculos XII e XIV começavam a aparecer os primeiros sintomas de uma intimidade ainda incipiente: começa a ser utilizada a bolsa individual como

10. Para mais detalhes, conferir o livro de Johan Huizinga, “O outono da idade média”. São Paulo, Cosac Naif, 2010. Vale citar o primeiro parágrafo desse estudo monumental, que já explicita o tom e o sabor da vida do homem medieval: “Quando o mundo era cinco séculos mais jovem, tudo o que acontecia na vida era dotado de contornos bem mais nítidos que os de hoje. Entre a dor e a alegria, o infortúnio e a felicidade, a distância parecia maior do que para nós; tudo que o homem vivia ainda possuía aquele teor imediato e absoluto que no mundo de hoje só se observa nos arroubos infantis de felicidade e dor. Cada momento da vida, cada feito era cercado de formas enfáticas e expressivas, realçado pela solenidade de um estilo de vida perene. Os grandes fatos da vida – o nascimento, o matrimônio, a morte – eram envoltos, por obra

guarda moedas, que contém o pecúlio da pessoa, signo de uma certa independência econômica; aparecem os primeiros pratos individuais, em que só um come; nas casas começamos a encontrar habitações individuais, pequenos cubículos em que se lê, se pensa e se vive, pelo menos por um momento, completamente só; a prática da confissão se transformou até se converter em um ato privado, individual e cotidiano. Dispor de um espaço e um tempo para si mesmo vai convertendo-se em um pequeno luxo burguês cada vez mais estendido e aceito.

Na medida em que vão abrindo esses espaços íntimos, as artes vão moldando e difundindo as novas conquistas. A pintura não se detém apenas na representação da grandeza do monarca ou na glória das santas figuras, mas progressivamente, o âmbito do privado e cotidiano vai adquirindo a importância suficiente para ser representado. E a literatura, mais que qualquer outra arte, vai colonizando sem parar esses novos territórios: não só as grandes vidas merecem ser narradas, nem só os grandes eventos da história possuem a dignidade suficiente para ser transmitidos à posteridade. Petrarca, Cellini, Cardano e tantos outros nos ensinam que a própria vida pode ter interesse para o público por si mesma, para além do papel desempenhado no contexto social, ou no clã familiar do qual se procede. O mesmo homem europeu renascentista que adentra o oceano para descobrir novas rotas ou novos mundos é o que vai, também, conquistando o terreno da interioridade. E, como as conquistas de novos espaços dão lugar nessa época a toda uma florescente literatura de viagem, as novas aquisições no terreno da interioridade vão se moldando em um corpo literário, ainda sem forma e carente de gênero próprio, na qual o autor e sua obra estabelecem relações todavia desconhecidas.

A obra de Montaigne estabelece um marco fundamental nessa nova literatura que centra sua atenção na inexplorada interioridade do indivíduo. Se trata, com efeito, do fruto mais maduro do Renascimento tardio francês: a culminação de uma série de descobrimentos e aquisições, tanto no plano literário quanto no contexto histórico e social, que o homem europeu havia conseguido durante os séculos precedentes. Montaigne vinha de uma família de posses que havia iniciado duas gerações anteriores um processo de enobrecimento comum na época. Abandonando a profissão de comerciante, que não era considerada própria da nobreza, seus pais haviam adquirido e ampliado uma propriedade, chamada *Château de Montaigne*, na região do Périgord, perto de Bordeaux. Montaigne estava destinado como primogênito a herdar o castelo, adquirindo com ele a condição de nobre para sua família. Ao herdá-lo abandonou o seu sobrenome familiar (Eyquem), adotando o nome de seu domínio senhoril. Foi dirigido (sem muita vontade) para a magistratura e durante quase quatro décadas, levou a vida que esperavam dele, desenvolvendo uma carreira prematura como magistrado no parlamento de Bordeaux.

---

*dos sacramentos, no esplendor do mistério divino. Mas também os menores – uma viagem, uma tarefa, uma visita – eram acompanhados de mil bênçãos, cerimônias, ditos e convenções”. p. 11.*

Mas em sua biografia há um ano que marca um antes e um depois: 1570. Quando tinha 37 anos, Montaigne decide abandonar a vida ativa para retirar-se em seu castelo recém herdado. Nesse momento faz seu tudo aquilo que o homem renascentista havia conquistado em termos de intimidade: reserva para si um espaço próprio em seu castelo, a famosa torre de Montaigne, que ainda segue em pé. Nela existe uma pequena capela, onde pode rezar; tem seu próprio dormitório, onde gosta de dormir sozinho; e, antes de tudo, tem sua própria biblioteca, onde afirma passar a maior parte do ano, lendo, pensando e escrevendo sozinho e conversando consigo mesmo.

Seu retiro estava marcado por uma firme intenção literária: havia se retirado do mundo para escrever sua grande obra, recolhendo por escrito sua concepção de mundo e de homem. Mas essa vontade de escrever o conduz por caminhos inesperados. A ociosidade havia aberto esse espaço novo da intimidade, que até então estava assombrosamente vazio. Esse vazio absorve completamente sua produção literária, e Montaigne descobre progressivamente que só é capaz de escrever sobre si mesmo. Montaigne escreve, portanto, seu primeiro ensaio, intitulado “Da ociosidade”, para mostrar toda a dificuldade dessa primeira incursão nos novos terrenos da interioridade.

[A] Assim como em terras ociosas, quando são ricas e férteis, vemos proliferar cem mil tipos de ervas selvagens e inúteis, e para as manter aproveitáveis é preciso dar-lhes uso e empregá-las em certas sementes que nos sirvam e assim como vemos que as mulheres produzem sozinhas aglomerados e pedaços informes de carne, mas que para produzir uma geração boa e natural elas precisam ser ocupadas por uma outra semente, assim também acontece com os espíritos. Se não os ocupamos com algum assunto que os refreie o contenha, eles se lançam desregrados para cá e para lá, no vago campo das imaginações (...). [A] E não há loucura nem tolice que não produzam nessa agitação, ‘eles engendram quimeras, verdadeiros sonhos de doentes’. A alma que não tem objetivo estabelecido perde-se: pois como se diz, estar em toda parte é não estar em lugar nenhum. Recentemente, ao isolar-me em minha casa, decidido, tanto quanto pudesse, a não me imiscuir em outra coisa que não seja passar em descanso e apartado esse pouco que me resta de vida, parecia-me não poder fazer maior favor a meu espírito do que deixá-lo, em plena ociosidade, entreter a si mesmo, fixar-se e repousar em si; e esperava que doravante ele o pudesse fazer mais facilmente, tendo se tornado, com o tempo, mais ponderado e mais maduro, porém descobro, ‘a ociosidade sempre dispersa a mente em todas as direções’, que ao contrário, imitando o cavalo fugido, ele dá a si mesmo cem vezes mais trabalhos do que assumia por outrem; e engendra-me tantas quimeras e monstros fantásticos, uns sobre os outros, sem ordem e sem propósito, que para examinar cm vagar sua inépcia e estranheza comecei a registrá-los por escrito, esperando com o tempo fazer que se envergonhe de si mesmo por causa deles (I, 8)

Esse ensaio foi, segundo Villey, talvez o primeiro escrito por Montaigne, depois de se retirar no castelo e começar a colocar por escrito os logros de seu juízo. Contudo, o que se percebe é que a tarefa é mais difícil do que imaginara.

“O repouso tão desejado, no entanto, não se deixa alcançar”. (Starobinski, 1992, p.29) É de se compreender que, em um mundo novo, desconhecido, sem mapa e sem destino, que o viajante se perca muito antes de se encontrar. Foi o que ocorreu com Montaigne. É necessário, portanto, primeiro domar esse cavalo em fuga, atentar o espírito para aquilo que ele pretende. É necessário descobrir o porque de estar escrevendo. Tal solidão, nova, causa tristeza e melancolia. Não há nada em que se apoiar externamente. Os monstros e quimeras que assolam os pensamentos de Montaigne são produtos de um estranhamento.

*A preocupação de escrever é, portanto, a consequência de uma intrusão da estranheza, que violentou o livre querer da alma e lhe subtraiu o fruto de seu primeiro esforço. Melhor dizendo: para Montaigne, a preocupação de escrever visa reconquistar um domínio interno posto em risco pelas extravagâncias de seu espírito ocioso ou pelo irresistível desvario do pesar melancólico. (Idem, p. 32)*

Diferente de Starobinski, diríamos que Montaigne não tenta reconquistar um domínio interno, mas conquistá-lo. Como, na primeira tentativa feita por Montaigne ao buscar a si, poderia encontrar-se? Seria muita pretensão. Antes de tudo vem o estranhamento, e com ele, os monstros de sua fantasia.

Qualquer esforço para escrever sobre o mundo ou sobre os outros passa a transformar-se em experiência de si mesmo, ensaio dos próprios limites, delimitação da própria figura. Já não escreve como magistrado, nem como chefe de família ou senhor de seu castelo: em solidão foi capaz de desprender-se de todos esses papéis como roupas usadas, aprendendo a distinguir por trás deles seu incógnito corpo nu. E é aí onde reside seu grande problema: o estranhamento que produz tal nudez.

O que sobra de si mesmo quando não está com os outros? O que responder na pergunta o que sou eu, se já não é mais possível apelar ao papel desempenhado no contexto social, nem aos próprios nomes e sobrenomes que assinalam nossa origem em nossos pais? O que sobra de mim quando não sou mais que eu mesmo? Perante o espaço recém-conquistado da intimidade, Montaigne submerge no abismo de tal questão.

As circunstâncias históricas, sociais e culturais da época delimitam as possíveis formulações explícitas dessa pergunta. Em sua obra, Montaigne reflete acerca do corpo humano, concretamente acerca de seu próprio corpo. E essa reflexão não tem como objetivo estabelecer uma teoria, senão abrir a possibilidade de uma experiência: a experiência de si mesmo em carne e osso, como corpo vivido, envelhecido, enfermo, corpo que por sua vez é condição de possibilidade do prazer e lastro que nos acorrenta ao sofrimento. Essa experiência da corporalidade é uma tácita pergunta acerca da própria existência, um modo de estabelecer os próprios limites, de saborear a própria natureza em sua condição finita e temporal.

Contudo, essa experiência não se resume à corporalidade. Montaigne também experiência a alma humana, concebida por ele como um acúmulo de faculdades que, ao mesmo tempo, possibilita a relação do sujeito com o mundo e se interpõe entre ambos, criando as realidades fictícias em que vivemos. Ao buscar a interioridade, Montaigne só encontra faculdades que lhe são alheias: os sentidos, a memória, a inteligência, o juízo, a razão, a imaginação, a intuição (ou espírito)... Entre elas vai surgindo alguém que tenta falar a partir da primeira pessoa, e que hoje chamamos de “eu”. Mas Montaigne ainda carece de nome para esse elemento: paradoxalmente, o eu nos Ensaaios é aquele que nos descreve tudo o que encontra em si mesmo, sem que si mesmo possa ser nomeado. A alma aparece como âmbito da auto-consciência, terreno privilegiado para experimentar a estranheza de si e o distanciamento.

Com tal viagem rumo ao distante horizonte do eu, Montaigne inaugura (e não Descartes) a aventura moderna na filosofia, aventura em busca daquilo que será chamado de subjetividade e que, na filosofia transcendental posterior, tentará encontrar e capturar as “condições de possibilidade” daquilo que nos define. O eu, como pensamento puro, será o próximo passo que, a partir de Montaigne, será dado por Descartes.

## REFERÊNCIAS

- AUERBACH, E. *Mimesis*. São Paulo, Perspectiva, 2011.
- BURCKHARDT, J. *A cultura do Renascimento*. São Paulo, Companhia de Bolso, 2009.
- CASSIRER, E. *Indivíduo e cosmos na filosofia do Renascimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Antropología filosófica*. México: Fondo De Cultura Económica, 1968.
- CASTELLANI, M. *Montaigne. L'écriture de l'essai*. Paris, PUF, 1998.
- DESCOMBES, V. *Modern French Philosophy*. Cambridge University Press, 1981.
- EVA, L. A.A. *A figura do filósofo: ceticismo e subjetividade em Montaigne*. São Paulo, Loyola, 2007.
- FRAME, D. *Montaigne's discovery of man: the humanization of a humanist*. New York, Columbia University Press, 1995.

MONTAIGNE, M. *Essais*. Ed. Pierre Villey, rev. Verdun-L. Saulnier. Paris: Presses Universitaires de France, 1965.

\_\_\_\_\_. *Ensaio*(I, II e III). Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (Edição conforme com o texto do exemplar de Bordeaux com os acréscimos da edição póstuma, explicação dos termos arcaicos, tradução das citações, um estudo sobre Montaigne por Pierre Villey sob direção e com prefácio de V. L. Saulnier)

\_\_\_\_\_. *Ensaio*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril (os pensadores), 1972.

ONFRAY, M. *Montaigne e o "uso dos prazeres" in Contra-história da filosofia II: O cristianismo hedonista*. **São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.**

STAROBINSKI, J. *Montaigne em movimento*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

VILLEY, P. *Les sources et l'évolution des Essais de Montaigne*. Paris: Hachette, 1908.